

GREVE DE FOME COMO PRESSÃO POPULAR

JOSÉ COMBLIN *

O que há no Evangelho que pode nos iluminar a propósito dessa atitude? Jesus disse: *“Quem quiser salvar sua vida perdê-la-á; mas quem perder sua vida por causa de mim e do Evangelho salva-la-á”* (Mc 8,35). E mais: *“Se alguém quer vir em meu seguimento, renuncia a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”* (Mc 8, 34). O que é a cruz? A cruz é a morte. Com a sua cruz, Jesus vai para a morte. Seguir Jesus é caminhar atrás dele no mesmo caminho: *“Se alguém vier a mim sem me preferir ao seu pai, à sua mãe, à sua mulher, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à própria vida, não pode ser meu discípulo”* (Lc 14, 26).

Estas palavras dizem que há valores mais importantes do que a vida e que a vida não pode salvar-se a qualquer preço, como se fosse o valor absoluto. O próprio Jesus mostrou isso na sua vida. Na véspera da sua paixão, ele podia muito bem ter fugido, seguindo os conselhos dos seus discípulos. Bastavam alguns poucos dias de marcha e ele estava fora do alcance daqueles que o queriam matar. Ele teve que escolher: fugir ou morrer. Os próprios Evangelhos dizem que a tentação foi forte e a luta foi dura, mas ele resolveu ir ao encontro da morte. Sabia que iam matá-lo, e assim mesmo foi ao encontro da morte.

Dom Oscar Romero sabia, tinha a certeza de que iam matá-lo. No entanto, era fácil evitar a morte. Bastava tomar o avião e afastar-se do país. Assim o suplicavam os padres, os agentes de pastoral e até as autoridades eclesiais. Era muito fácil. Morreu porque quis. Ficou em San Salvador, sem se esconder. Ele se ofereceu à bala do atirador. Por quê? Por causa do Evangelho.

E quantos outros na história? Claro que, na mesma situação, a grande maioria faz a outra opção e foge. Já foi assim nos primeiros séculos. A grande maioria fugiu, se escondeu e escapou. Outros quiseram ficar e oferecer-se à cruz. Claro está que a opção de Jesus é livre. A opção de seguir Jesus também. Cada pessoa pode e deve escolher. Como é que se apresenta a necessidade de fazer uma opção? Não há regras. Não existe um código do martírio. Tudo é pessoal e as circunstâncias históricas variam. Onde e quando se pode dizer que a causa do Evangelho está comprometida?

Dom Oscar Romero achou que na matança e na opressão do seu povo o Evangelho estava comprometido e que a fidelidade a Jesus exigia dele que tomasse a sua cruz. Ele a tomou. Não ia ao encontro de um risco de morte. Era uma certeza. Assim como os primeiros cristãos que se negavam a oferecer incenso à imagem do imperador sabiam que isso era a morte. As circunstâncias mudam. Hoje em dia, em lugar nenhum se pede incenso para o presidente da república. No entanto, o grande ídolo atual é o dinheiro. Baixar a cabeça diante dos grandes bancos mundiais é idolatria. Com certeza vão aparecer mártires da luta contra o deus dinheiro.

De qualquer maneira, não podemos colocar a vida como valor supremo e tudo subordinar à necessidade de salvá-la. Podemos muito bem descobrir que em casos determinados a defesa dos direitos dos pobres justifica o sacrifício da vida. Quantos morreram porque desafiaram a polícia, os capangas do fazendeiro ou os pistoleiros contratados pelos poderosos?

O que pode nos estranhar é a modalidade. Fazer greve de fome é diferente de colocar-se na frente do atirador para levar um tiro. A forma exterior é diferente, mas isso não muda a natureza moral do ato. A greve de fome é um meio de ação social relativamente novo mas destinado a um grande futuro na sociedade urbana de comunicação. Os dominadores dizem que a decisão tomada por um Congresso representa as opções da maioria da população porque os deputados são os representantes da nação. Porém, a experiência mostra que isso é pura ilusão. Os deputados não representam o povo mas certas categorias de interesses. O que aconteceu na Europa mostrou muito bem a ilusão do sistema chamado de representatividade, como se as eleições fossem realmente um sistema democrático. A experiência demonstra que os pobres não têm representação e que os eleitos não levam em consideração as expectativas dos eleitores. Quem ganha as eleições é quem tem dinheiro, salvo poucas exceções. Então, os pobres não têm voz.

Dizem que os conflitos devem resolver-se pelo diálogo e pelo debate. Ora, quem está presente nos debates? Intelectuais e representantes das classes dominantes. O povo está ausente de todos os diálogos e de todos os debates. Somente pode haver diálogo entre grupos de força igual. Ora, os pobres não têm força nenhuma e os ricos têm todas as forças. Como pode haver um diálogo? Só haverá diálogo quando os pobres tiverem uma força social suficiente e equivalente à força dos bancos, das multinacionais, das grandes empresas. Até lá o diálogo é engano.

Acontece que a greve de fome é um gesto destinado a despertar o povo. É quase a única maneira que um povo tem de mostrar sua presença e pressionar os poderosos. Todos os canais institucionais estão fechados. Para lembrar a sua existência aos poderosos, os pobres precisam de sinais fortes. Sem esses sinais o medo é sempre mais forte.

Neste caso atual, o governo conseguiu que o bispo desistisse da greve, pelo menos de modo provisório. Não creio que o bispo tenha muitas ilusões, mas ele fez um gesto de humildade, procurando acreditar no governo. Mostrou, assim, que era uma pessoa profundamente pacífica. Mas ele é também uma pessoa comprometida. A greve de fome é o último recurso quando não há mais recursos. A outra via é a violência, como na Palestina e no Iraque. O bispo provou que tinha escolhido o caminho pacífico, o que merece admiração e gratidão. Haveria outro recurso? O Congresso? Os partidos? Os tribunais? Todas estas instituições escutam os clamores do povo? Para o povo somente existem caminhos fora das instituições e fora das leis. As leis não foram feitas para lhes facilitar a expressão.

A Nunciatura Apostólica em Brasília publicou uma nota divulgada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) na qual afirma: *“Durante a*

homilia, o Núncio Apostólico destacou que a vida é um dom de Deus, da qual não somos donos, mas sim administradores: “Só Deus é o dono da vida e não podemos tirá-la. Segundo a moral católica, o fim não justifica os meios, mesmo que seja uma nobre causa”. Ora, a fidelidade ao Evangelho vale mais do que a vida e Deus quer essa fidelidade mais do que a vida. Assim o mostraram os mártires que provocaram sua morte porque rejeitaram os gestos que podiam salvar-lhes a vida. Puderam escolher e escolheram a morte porque havia um valor superior que era a fidelidade ao Evangelho. Quem faz a greve de fome não tira a sua vida, mas pressiona os poderes; cria um risco, mas esse risco existe em outras situações humanas. O padre Damião de Veuster decidiu permanecer entre os leprosos sabendo que ia morrer. Para ele, a caridade valia mais do que a vida e podemos pensar que Deus pensa a mesma coisa. A caridade vale mais do que a vida.

Ademais, não se aplica o princípio de que o fim não justifica os meios. O meio não é a morte, como se a morte fosse o meio de conquistar o fim. O meio é a pressão moral que exerce aquele que faz a greve de fome. Essa pressão moral é um risco. No entanto, há na vida muitas situações de risco. A experiência indica que, em sociedades semi-abertas como o Brasil, os poderosos acabam cedendo porque a pressão popular é muito forte. A mesma CNBB comunicou uma carta dirigida pelo cardeal italiano Giovanni Battista Re, atual prefeito da Congregação para os Bispos e presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, ao bispo Luiz Cappio:

Os princípios da moral cristã não permitem que leve adiante a sua decisão. É necessário conservar a vida, dom de Deus, e a integridade da saúde

Seja-me permitido também expressar um certo desconcerto. Sua Eminência invoca os princípios da moral cristã. Não dá nenhuma referência. Se consultamos os livros de moral católica não encontramos essa condenação. E o senhor Cardeal não invoca nenhum texto do magistério. Ou ele se refere de novo ao princípio do senhor Núncio de que a vida é o bem supremo? A mesma dúvida aplica-se aqui. Como conciliar essas posições com os textos evangélicos e com o próprio comportamento de Jesus, que não fez da vida o bem supremo mas sacrificou a vida por uma causa superior?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azpitarte, E. López; Elizarrri, F. J. e Rincón, R. **Práxis cristã**. São Paulo, Paulinas, 1984.
- Muller, Jean Maria. **Stratégie de l'action non-violente**. Paris, Fayard, 1972.
- Sharp, Gene. “The politics of nonviolent action”. In **The methods of nonviolent action**. Boston, 1973, p. 363-368.

* José Comblin é teólogo e um dos principais expoentes da Teologia da Libertação.